



Comunidade de
Aprendizagem

**Este material foi elaborado
pelos concluintes da
certificação de formadores em
Comunidade de Aprendizagem
realizado em 2015.**

**TEMA: TERTÚLIAS
DIALÓGICAS LITERÁRIAS**



Comunidade de
Aprendizagem

Tertúlias literárias dialógicas e a concepção dialógica de linguagem

Juliana Ormastroni de Carvalho Santos

Resumo

Este artigo objetiva elucidar as possibilidades do termo “Dialógico” que constitui as publicações, os estudos e o corpus teórico-metodológico relacionados às Comunidades de Aprendizagem. Procura, mais especificamente, estabelecer as relações entre o que a referida teoria compreende como dialógico e como o vocábulo é considerado à luz dos estudos bakhtinianos sobre a linguagem. Essa discussão partirá da análise da atuação educativa de êxito Tertúlia Literária Dialógica, escolhida justificada por ser a atividade de maior adesão na implementação do projeto Comunidades de Aprendizagem no município em que atuo. Na sequência, discorrerá acerca dos aportes teóricos sobre a linguagem de acordo com Bakhtin (1934-35/1975/2014, 1979/2011, 1929/1992) e relacioná-los-á às tertúlias literárias dialógicas.

OBJETIVO:

O objetivo deste artigo é promover a discussão entre a Tertúlia Literária Dialógica e os conceitos sobre a linguagem dos aportes teóricos de Bakhtin.

Introdução

As Tertúlias Dialógicas buscam a construção coletiva de significado e conhecimento com base no diálogo com todo o alunado participante da tertúlia. O funcionamento das tertúlias dialógicas baseia-se nos sete princípios da Aprendizagem Dialógica e as tertúlias desenvolvem-se com base nas melhores criações da humanidade em distintos campos: desde a literatura até a arte ou a música.

Por meio das tertúlias dialógicas potencializa-se a aproximação direta do alunado, sem distinção de idade, gênero, cultura ou capacidade, à cultura clássica universal e ao conhecimento científico acumulado pela humanidade ao longo do tempo. Nesse sentido, existem diversos tipos de tertúlias dialógicas, como Tertúlias Literárias Dialógicas, Tertúlias Musicais Dialógicas, Tertúlias Dialógicas de Arte, Tertúlias Matemáticas Dialógicas, Tertúlias Científicas Dialógicas.

A Tertúlia Literária Dialógica, enfoque deste estudo, é compreendida como uma atividade cultural e educativa desenvolvida em torno da leitura de livros da Literatura Clássica Universal numa situação em que o grupo lê a mesma obra, as mesmas páginas, e as relacionam às suas impressões e vivências, socializando seus comentários. Trata-se de uma atividade gratuita, aberta às pessoas de diferentes coletivos sociais e culturais, na qual devem estar garantidos o diálogo igualitário e a transformação pessoal e da comunidade.

De acordo com Flecha e Mello (2005), por volta de 1975 a Escola da Verneda de Sant-Martí é fundada por educadores progressistas num bairro de trabalhadores de Barcelona, Espanha (Lleras & Soler, 2003). Em 1980, um grupo crítico de educadores e participantes da Verneda Sant-Martí criou a tertúlia literária. Em torno de 1995, quando o movimento de participantes de educação de adultos ganhou voz e vez nos espaços de decisão, outras tantas escolas interessaram-se em implantar as tertúlias como parte de sua formação. A atividade ganhou repercussão e passou a ser denominada Tertúlia Literária Dialógica.

1. Comunidades de Aprendizagem fazem referência a uma intervenção educativa que considera como primordial a ideia de escola-comunidade. A proposta foi criada e vem sendo desenvolvida pelo “Centro Especial de Investigación en Teorías y Prácticas Superadoras de Desigualdades (CREA)”, da Universidade de Barcelona/Espanha, desde a década de 1990 (Mello, 2011). Trata-se de um projeto baseado em um conjunto de Atuações Educativas de Êxito voltadas para a transformação educacional e social. As Comunidades de Aprendizagem implicam todas as pessoas, as quais de forma direta ou indireta influenciam na aprendizagem e no desenvolvimento das e dos estudantes, incluindo professorado, familiares, amigos e amigas, moradores e moradoras do bairro, membros de associações e organizações do bairro e local, pessoas voluntárias, etc. O projeto, que teve início na educação regular em 1995 na Espanha, conta atualmente com mais de 124 Comunidades de Aprendizagem. Devido a seu êxito, as Comunidades de Aprendizagem foram estendidas em nível internacional, desenvolvendo-se em centros educativos do Brasil, e foram estudadas no Projeto INCLUD-ED: Strategies for inclusion and social cohesion from education in Europe, desenvolvido dentro do Sexto Programa Marco de Investigación de la Unión Europea, como uma atuação de êxito para o fomento da coesão social na Europa por meio da educação (INCLUD-ED, 2006-2011).

No Brasil, as Tertúlias Literárias Dialógicas são difundidas e apoiadas pelo Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE) desde 2002 e pelo Instituto Natura, com um projeto que assegura uma série de ações, desde a formação de formadores, sensibilização de professores e comunidade escolar e apoio à implementação da Comunidade de Aprendizagem¹, proposta que inclui, dentre as chamadas Atuações Educativas de Êxito² que a constituem, a Tertúlia Literária Dialógica.

2. O projeto de investigação INCLUD-ED identificou e analisou Atuações Educativas de Êxito, aquelas que conseguem aumentar o rendimento acadêmico e melhorar a convivência em todos os centros educativos em que são aplicadas. INCLUD-ED demonstrou a potência de transferência das Atuações Educativas de Êxito a qualquer contexto educativo e social em todo o território europeu. INCLUD-ED é o único projeto de ciências econômicas, sociais e humanas selecionado pela Comissão Europeia entre as dez investigações europeias de maior êxito nos últimos anos. Os resultados desta investigação já foram incluídos em diretrizes e recomendações do Parlamento Europeu para superar o abandono escolar e a desigualdade educativa.

Desenvolvimento

O termo diálogo e dialógico aparece em várias definições da Comunidade de Aprendizagem e, como veremos, não se encerra num termo valorativo apenas, mas inclui uma concepção teórica e metodológica. Iniciemos pela aprendizagem dialógica, teoria de aprendizagem desenvolvida por Paulo Freire, base das Comunidades de Aprendizagem e das AEEs.

A aprendizagem dialógica é o marco a partir do qual são desenvolvidas as práticas de êxito em Comunidades de Aprendizagem. A partir dessa perspectiva da aprendizagem, baseada numa concepção comunicativa, entende-se que as pessoas aprendem a partir das interações com outras pessoas.

No momento em que nos comunicamos e iniciamos um diálogo com outras pessoas, damos significado à nossa realidade. Assim, construímos o conhecimento primeiramente a partir de um plano intersubjetivo, ou seja, a partir do social, e progressivamente o interiorizamos como um conhecimento próprio (intrassubjetivo).

Segundo a concepção dialógica de aprendizagem, para aprender, as pessoas precisam de situações de interação. Não necessitamos somente de um grande número de interações, e que estas sejam diversas, mas também que o diálogo que se estabeleça tenha de estar baseado em pretensões de igualdade, e não de poder; o que significa que todos e todas temos conhecimentos com os quais contribuir, reconhecendo-se assim a inteligência cultural em todas as pessoas.

Mediante o diálogo, transformamos as relações, nosso entorno e nosso próprio conhecimento, de maneira que “a aprendizagem dialógica se produz em interações que aumentam a aprendizagem instrumental, favorecem a criação de sentido pessoal e social, estão guiadas por princípios solidários e nas quais a igualdade e a diferença são valores compatíveis e mutuamente enriquecedores” (Aubert, A.; Flecha, A.; García, C.; Flecha, R.; Racionero, S.; 2008, p. 167).

A aprendizagem dialógica baseia-se em sete princípios, dos quais, para atender ao objetivo deste artigo, será abordado um: o diálogo igualitário, que se trata de um diálogo respeitoso com todas as pessoas, independentemente de nível socioeconômico, gênero, cultura, nível acadêmico e idade. Dessa forma, o diálogo somente será igualitário se forem consideradas as distintas contribuições em função da validade dos argumentos, e não da posição de poder que ocupa quem os realiza. Passemos agora para a análise da linguagem sob a concepção enunciativa oriunda dos estudos do Círculo de Bakhtin.

A LINGUAGEM NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Na perspectiva de Bakhtin, a linguagem é intrinsecamente relacionada à atividade humana e à sociedade. O uso da língua acontece em forma de enunciados concretos, “unidade real da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 1979/ 2011, p. 269), relaciona-se a diferentes situações comunicativas da vida de forma que a língua integra a vida e constitui os sujeitos por meio dos enunciados que a realizam.

Tal concepção contempla a linguagem como dialógica, o que nos leva a aprofundar dois conceitos bakhtinianos: o dialogismo e a alteridade. Esses são conceitos centrais para a compreensão de linguagem que concebe “o eu e o outro como inseparavelmente ligados e tendo como elemento articulador a linguagem” (BRAIT, 1994, p. 12, grifos da autora). A palavra do outro é imprescindível na construção do enunciado; a linguagem é percebida a partir de uma concepção dialógica, uma vez que toda palavra comporta duas faces: de um lado, sempre procede de alguém e, de outro, dirige-se a alguém.

Segundo a teoria bakhtiniana, o sujeito, ao mesmo tempo em que interage com o seu interlocutor, recebe influências deste, as quais interferirão na estrutura e na organização do enunciado.

Relacionando tais considerações à prática das tertúlias literárias dialógicas, percebemos que as tertúlias constituem espaço de construção coletiva pela linguagem, uma vez que os comentários dão-se

sempre em relação aos dos demais participantes e trazem as vozes de vivências anteriores.

Há que se considerar ainda a realidade de muitas escolas em que a linguagem é usada como uma “camisa de força”, voltada ao controle e à submissão. No contexto escolar, no entanto, é comum o emprego da linguagem de forma transmissiva e imperativa. Os discursos comportam, conforme Bakhtin (1934-35/1975/2014), a palavra internamente persuasiva e/ou o discurso autoritário, que impõe a assimilação de um único sentido a ser aceito e transmitido. O discurso autoritário trata-se de um discurso compacto, inerte e praticamente imutável, pois sua estrutura é imóvel, monossêmica e rígida, o que impossibilita seu questionamento ou transformação. Nele, não há abertura a questionamentos ou diálogo, pois suas características hierárquicas bem delimitadas demandam a apropriação de um sentido único.

Por sua vez, o discurso internamente persuasivo dá vez ao dialogismo: cada voz toma as enunciações de outras vozes como estratégias de pensamento, produzindo, gradualmente, um novo discurso ainda e sempre inacabado, com um significado que é “comumente nosso e metade de outrem” (BAKHTIN, 1934-35/1975/2014, p.145). Nesse discurso, caracterizado pela interação tensa e conflituosa de vozes, de pontos de vista e de sentidos, há possibilidade de influência dialógica recíproca e constante, dado seu caráter de discurso inacabado e aberto a transformações.

Nesse sentido, as tertúlias, baseadas no princípio do discurso igualitário, distanciam-se do discurso autoritário e configuram-se como possibilidade de trocas, interações, lugar de conflitos e relevância de pontos de vista independentemente do lugar social ocupado pelo locutor e pelo interlocutor.

Considerações Finais

Como foi possível perceber, a teoria bakhtiniana arquitetou-se sobre o dialogismo e a alteridade, numa relação em que “minha palavra precisa do outro para significar” (JOBIM e SOUZA, 2003, p.84). A alteridade é fator necessário para a compreensão do desenvolvimento e “(...) funda-se nas vozes que se entrelaçam no diálogo,” (MAGALHÃES e OLIVEIRA, 2011b, p.109).

É possível dizer que as tertúlias literárias dialógicas asseguram o dialogismo e a alteridade da linguagem, dada a relevância do papel do outro e das vozes decorridas nas interações.

Assim, o termo dialógico ganha o status de conceito relacionado diretamente à proposta das Comunidades de Aprendizagem: a possibilidade de transformação pela linguagem por meio da maneira como os sujeitos colocam-se, ouvem, são ouvidos e começam a construir novas maneiras de pensar e de interagir; recriam a percepção de quem são, como sentem e como podem agir na busca de transformação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT, A.; FLECHA, A.; GARCÍA, C.; FLECHA, R. Y RACIONERO, S. (2008). Aprendizaje dialógico en la Sociedad de la Información. Barcelona: Hipatia.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). (1929) Marxismo e filosofia da linguagem. 6a ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, M. (1979) Estética da criação verbal. 6a ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. O discurso no romance. (1934-5/1975) In: Questões de Literatura e de Estética: A teoria do romance. Trad. A.F. Bernadini, J. Pereira Júnior, A. Góes Júnior, H.S. Nazário, H.F. de

Andrade. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1998. p.134-62.

_____. (1934-5/1975) Questões de Literatura e de Estética: A teoria do romance. Trad.: A.F. Bernadini; J. Pereira Júnior; A. Góes Júnior; H.S. Nazário; H.F. de Andrade. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 2014.

BRAIT, B. As vozes bakhtinianas e o discurso inconcluso. In: BARROS, D.L.P. de; FIORIN, J.L. (orgs.). Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1994, p.11-27.

Comunidades de Aprendizagem. Disponível em: <<http://www.niase.ufscar.br/1_escolas-como-comunidades-de-aprendizagem-informacoes-gerais-traduzido.pdf>>. Acesso em 27 de junho de 2015.

FLECHA, R. MELLO, R. R. de. Tertúlia Literária Dialógica: compartilhando histórias. Presente! revista de educação - Ano 13 - nº 48 - Salvador, mar/2005 (p. 29 - 33).

JOBIM e SOUZA, S. Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas. In: FREITAS, M.T.; JOBIM e SOUZA, S.; KRAMER, S. Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003. p.77-94.

MAGALHÃES, M.C.C.; OLIVEIRA, W. de. A colaboração crítica como uma categoria de análise de atividade docente. In: MAGALHÃES, M.C.C.; FIDALGO, S.S. (orgs.). Questões de método e de linguagem na formação docente. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011a. p.65-76.

MELLO, R. R. de. Comunidades de Aprendizagem: democratização dos centros educacionais. Revista Tendências Pedagógicas, Ano 2011, nº 17 (p. 3-18).

Tertúlia dialógica. Cadernos. Disponível em: <<<http://www.comunidadesdeaprendizagem.com>>> Acesso em 13 de junho de 2015.



Tertúlia literária e roda de leitura: Outro nome ou outra essência?

Madalena Monteiro

“... um especialista em educação tem conhecimentos profissionais e tem sua opinião, mas deve se destacar por seus conhecimentos e não por sua opinião.”

Ramon Flecha

Resumo

O texto traz algumas reflexões sobre a resistência dos educadores à implementação de Atuações Educativas de Êxito. Foca na Tertúlia Dialógica Literária para jogar luz sobre o que estaria por trás dessa resistência, destacando algumas diferenças entre essa atuação de êxito e as rodas de leitura.

OBJETIVO

Refletir sobre possíveis motivos que levam os professores a acreditar que as Tertúlias Literárias e as Rodas de Leitura são a mesma atividade, só que com outros nomes.

Introdução

Tem sido bastante comum nos encontros de sensibilização, uma das fases de transformação de uma escola em Comunidade de Aprendizagem¹, encontrar educadores que ao conhecerem as Ações Educativas de Êxito, propostas pelo projeto Comunidade de Aprendizagem, afirmam já realizarem essas práticas, mas com nomes diferentes.

Assim, associam as Tertúlias Literárias com as Rodas de Leitura; os Grupos Interativos com os Agrupamentos Produtivos; as Tertúlias Pedagógicas com o uso de textos para introduzir temas de discussão das horas de trabalho coletivo; a Formação de Familiares com os encontros que realizam para que os pais aprendam sobre os conteúdos que a escola considera necessários para atuarem melhor na educação de seus filhos; a Participação Educativa da Comunidade com os Conselhos de Escola e Associação de Pais e Mestres; o Modelo Dialógico de Resolução de Conflitos com a mediação que costumam fazer entre os envolvidos em situações conflituosas; e a Biblioteca Tutorada com ações que desenvolvem no espaço da Biblioteca, mas que não garantem a extensão do tempo didático.

Vamos olhar para uma dessas atuações, as Tertúlias Dialógicas Literárias, para tentarmos levantar alguns dos motivos pelos quais se dá esse tipo de associação por parte dos educadores.

São cinco as fases de transformação de uma escola em Comunidade de Aprendizagem: Sensibilização, Tomada de Decisão, Sonhos, Seleção de Prioridades, Planejamento. Para saber mais, consulte o caderno Fases de Transformação, em <http://www.comunidadeaprendizagem.com/>

Desenvolvimento do trabalho

O QUE SÃO AS ATUAÇÕES EDUCATIVAS DE ÊXITO?

São práticas comprovadas cientificamente como as que produzem os melhores resultados de aprendizagem em qualquer contexto. Elas visam atender duas características básicas que a pesquisa Includ-ed (2015) comprovou serem essenciais para a melhoria dos níveis de aprendizagem dos alunos: a participação da comunidade de forma educativa dentro da escola e a proposição de agrupamentos heterogêneos com reorganização de recursos humanos, visando melhor interação e conseqüente melhora da aprendizagem por meio do diálogo entre todos.

Segundo Ramon Flecha (2015), as Atuações Educativas de Êxito atingem 3 níveis de desenvolvimento: a aprendizagem instrumental, a construção de valores e a vivência de emoções e sentimentos. As 7 Atuações são: as Tertúlias Dialógicas Literárias, os Grupos Interativos, a Formação Dialógica Pedagógica, a Formação de Familiares, a Participação Educativa da Comunidade, o Modelo Dialógico de Resolução de Conflitos e a Biblioteca Tutorada.

O QUE TÊM DITO OS EDUCADORES DIANTE DA PROPOSTA?

Em geral, há um grande número de educadores que reage de forma positiva à proposta de Comunidade de Aprendizagem. Contudo, há também boa parte deles que resiste e questiona de forma incisiva, alegando que outras propostas lhes foram oferecidas com promessas de melhoria nos resultados e que, uma vez aplicadas, os índices de aprendizagem dos estudantes, quando não se mantiveram na mesma, chegaram até a despencar consideravelmente. Desse modo alegam ser difícil se abrir para essa nova ideia que vem com marca de “comprovada

cientificamente”, sobretudo porque, segundo os educadores, todas as atuações trazem características que os levam a associá-las a outras atividades que já realizam.

Num primeiro momento, lhes parece difícil crer que não está sendo pedido que deixem de lado as atividades que realizam e que vejam que resultam em boas aprendizagens, bem como que as Atuações Educativas de Êxito chegam para ocupar um lugar diferente — infelizmente muito comum nas escolas — que é o lugar da não aprendizagem. Muitos modismos foram e têm sido adotados para tornar a escola mais interessante, alegre, agradável e com a aprendizagem mais significativa, mas o que se tem visto é que pouco impactam na aprendizagem dos estudantes, além de disseminar entre os educadores a descrença em novas propostas.

Em vários municípios brasileiros aos quais foi apresentada a proposta de Comunidade de Aprendizagem, uma das intervenções da Secretaria de Educação diante da resistência de algumas escolas foi propor que revejam seus resultados e elaborem um plano para melhoria, já que a aprendizagem não está acontecendo. No entanto, não querem se abrir para a participação da comunidade numa parceria pela melhora da educação de todos.

Uma das Atuações de Êxito mais apontada como semelhantes às práticas já realizadas pelos educadores é a Tertúlia Dialógica Literária. Essa associação, de certa forma, se contrapõe ao péssimo desempenho leitor da população brasileira. Ou dito de forma interrogativa: se os professores já realizam “tertúlias literárias” e foi comprovado cientificamente que essa prática gera grande melhoria de resultados em termos de competência leitora e comunicativa, além de melhorar a convivência, por que os avanços não estão aparecendo nas avaliações?

TERTÚLIA LITERÁRIA: PERSEGUINDO EVIDÊNCIAS

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997) afirmam que “o trabalho com a leitura tem como finalidade a formação de leitores

competentes”. E postulam ainda que a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto a partir de seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto e que não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, mas de compreender o que leu. Concebem a leitura como uma prática social, um meio de possibilitar a realização de novos diálogos entre os sujeitos envolvidos no processo.

Verifica-se que o principal documento nacional que orienta as práticas de leitura em nossas escolas prevê que o ato da leitura implica interação entre texto e leitor. Não só esse, mas outros documentos do Ministério da Educação seguem a mesma linha, apontando para a necessidade de se ampliar as oportunidades de aproximação dos textos e de modo a favorecer a construção de conhecimentos a partir deles. E é isso que muitos professores têm procurado colocar em prática nas “rodas de leitura”, bem como em outras atividades de leitura, sobretudo na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Como dizia Paulo Freire (1994), a aprendizagem da leitura depende de muitos elementos e não pode se reduzir a um ato mecânico e descontextualizado, mas tem que ser um diálogo aberto sobre o mundo e com o mundo. Pelo que se nota nos PCNs e na prática de grande parte dos educadores, essa máxima já foi compreendida pela maioria. Por isso são realizadas, entre outras, as atividades mencionadas pelos professores como exemplo associado à tertúlia literária, as famosas rodas de leitura. Nelas, em geral, o professor lê um texto em voz alta aos estudantes e, ao final, propõe uma conversa onde todos podem falar sobre o que foi lido, associando a outras leituras, ao seu cotidiano, a filmes ou a peças de teatro.

Na leitura dialógica proposta nas Tertúlias ocorre esse mesmo processo compartilhado de ler, e esse é um dos motivos pelos quais os educadores imediatamente associam essas duas atividades.

Nessa forma de se ler entre todos podem acontecer muitos aprendizados. Por exemplo, a troca e a ampliação de interpretações a partir da leitura de diferentes obras; a construção de conhecimento

de forma compartilhada e não só por meio do saber do professor; o desenvolvimento da leitura crítica, uma vez que se pode comentar de forma muito aberta os textos lidos; a melhoria da compreensão leitora; e muitos outros aprendizados ligados à comunicação oral e ao uso da palavra falada.

Entretanto, uma diferença básica é a chave que abre as portas para a melhoria dos resultados de aprendizagem: a leitura de clássicos da literatura universal, conforme comprovado na pesquisa Includ-ed. Os professores que têm se aberto para a implementação da proposta têm comprovado que esse detalhe faz a diferença.

Ler de forma compartilhada é algo que nos ajuda na compreensão. Ora, nada mais eficaz que usar esse espaço de leitura entre todos para ler textos que ofereçam maior grau de complexidade.

As Tertúlias Literárias são uma forma de ler clássicos da literatura junto com outras pessoas, o que ajuda a resgatar o prazer de ler. Podem acontecer com pessoas de todas as idades e não só no âmbito da sala de aula. Acontecem da seguinte forma: o grupo que irá participar da Tertúlia decide conjuntamente o livro que será lido; durante a semana, todos leem o capítulo que foi combinado e cada um seleciona um trecho que tiver chamado mais a atenção; no momento da Tertúlia uma pessoa do grupo ocupa o lugar de moderador; este moderador não precisa ser especialista em literatura ou possuir um alto nível acadêmico, pode ser qualquer um dos participantes, desde que consiga exercer o diálogo igualitário, um dos princípios da Aprendizagem Dialógica²; o moderador tem como responsabilidade a organização do turno de palavras, momento no qual os trechos selecionados pelos participantes são lidos e comentados; todos os participantes que desejarem podem comentar, sempre respeitando a sua vez de falar; durante o turno de palavras, o diálogo e os debates entre diferentes opiniões acontecem através dos argumentos apresentados e todos aprendem uns com os outros, incluindo o mediador.

Como é do conhecimento da maioria de nós, há grande resistência dos estudantes e, até de boa parte dos educadores, à leitura dos clássicos. Alegam que são textos complicados, distantes da realidade dos

2. "Aprendizagem Dialógica se dá por meio de diálogos igualitários, em interações nas quais se reconhece a inteligência cultural em todas as pessoas. Essas interações estão orientadas à transformação dos níveis prévios de conhecimento e do contexto sociocultural em busca do êxito para todos". Além disso, a "Aprendizagem Dialógica se produz nas interações que aumentam o aprendizado instrumental, que favorecem a criação de sentido pessoal e social, que são guiadas por princípios de solidariedade e nas quais a igualdade e a diferença são valores compatíveis e mutuamente enriquecedores". Para saber mais consulte o caderno Aprendizagem Dialógica em: <http://www.comunidadeaprendizagem.com/nossa-biblioteca>

estudantes, que acabam por se desinteressar da leitura, considerando-a uma atividade enfadonha. E quem de nós já não se enfadou, de fato, ao tentar ler sozinho alguma das obras indicadas como clássicos da literatura universal?

Ocorre que a leitura dialógica aponta uma saída interessante para essa dificuldade: ler para compartilhar com outros, ler para participar de uma conversa que vai muito além da compreensão do que o autor quis dizer. Nessa prática passa-se à reconstrução de significados e interpretações por meio dos comentários, saberes e não saberes de todos os participantes.

Numa Tertúlia Literária com um grupo de educadores da Escola Municipal Octávio Edgard, onde usava-se o trecho inicial de “O conto da ilha desconhecida”, de José Saramago, ao assumir a palavra para fazer o seu destaque, a primeira pessoa inscrita no turno de palavras, depois de ler o trecho, surpreendeu a todos com o comentário: “Eu escolhi esse trecho porque eu não entendi nada. Não sei se quem está falando é o rei ou o homem que foi pedir o barco.” Depois de muitos risos diante de tamanha sinceridade da professora, alguns colegas se inscreveram para responder seu comentário interrogativo. O primeiro deles fez a intervenção de ler em voz alta o trecho, colocando na entonação a pontuação não usada pelo autor lusitano, o que imediatamente dissipou a dúvida da colega.

Outro exemplo de vivência do princípio da dimensão instrumental aconteceu com um grupo de educadores de Mogi Mirim com a leitura de O abutre, de Franz Kafka. O primeiro comentário feito referia-se ao nome do autor, desconhecido por vários dos participantes: “Esse nome me chamou a atenção porque me fez lembrar de uma música do meu tempo de jovem — ‘Kafka, vem cá ficar comigo’”. Outra participante pediu a palavra e esclareceu que essa associação não era sem fundamento, porque a canção citada teria sido inspirada em outro texto desse mesmo autor, Metamorfose, onde o homem se converte numa barata. E então apareceram na sequência outros comentários que davam conta de ampliar entre todos o conhecimento sobre esse autor.

Esses são apenas dois exemplos do que pode ocorrer numa Tertúlia

Literária. Durante o turno de palavras são colocadas diferentes opiniões sobre os diversos trechos destacados. Com a motivação do mediador, cada um se esmera em levantar argumentos que fundamentem seu ponto de vista. A opinião de todos é muito importante e, o melhor, é que não há certo ou errado e que esse espaço pode ser usado para trazer, inclusive, dúvidas.

Numa escola em Cajamar duas educadoras apontaram seu incômodo diante dessa forma de compartilhar a leitura. Uma delas disse, referindo-se à mediadora: “Eu queria saber a sua opinião. Com certeza você sabe mais do que nós e devia falar o que o autor quis mesmo dizer com esse texto.” E a outra complementou: “É esquisito o professor não dar sua opinião final para fazer um fechamento, parece que fica muito aberto, que ninguém aprende de fato o que o texto queria dizer.” Ambas remetem a uma intervenção muito comum nas rodas de leitura propostas pela maioria dos educadores, que garantem que todos falem, mas sempre sendo a palavra final do professor, como se ele pudesse de fato saber o que o autor quis dizer com a sua obra.

Esse é um grande diferencial na Tertúlia Literária e na vivência do diálogo igualitário: prescindir das relações de poder para de fato compartilhar a palavra e não somente para deixar que as pessoas falem, mas para garantir que todos sejam ouvidos e respeitados. Não se fechar num ponto de vista é o pleno exercício desse respeito à inteligência cultural.

Conclusão

A prática de Tertúlias Literárias em várias escolas pelo Brasil tem revelado que um dos motivos que leva os professores a associar as rodas de leitura às Tertúlias Literárias é o fato de ambas proporem um diálogo entre todos a partir de um texto lido.

Nesse sentido, podemos pensar que em alguns casos as Rodas de Leitura, a depender de como são conduzidas, são realmente espaços para a vivência da leitura dialógica, desde que garantidos os 7 princípios da Aprendizagem Dialógica: diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental, criação de sentido, solidariedade e igualdade de diferenças. Mas vale ressaltar que, ainda assim, essa atividade só poderá ser classificada como “Tertúlia Literária”, dentro do Projeto Comunidade de Aprendizagem, caso o texto motivador da conversa seja um clássico da literatura universal.

O rigor do cumprimento dessa exigência se deve ao fato de que os clássicos, oferecidos a grupos culturais e sociais que não teriam acesso a eles se não fosse na escola, preenchem uma lacuna cultural, aumentando as expectativas de aprendizagem, transformando o entorno e abrindo as portas para o êxito acadêmico. Apesar de valorizarmos o acesso à cultura moderna, seus autores e a vasta obra literária — que não cessa de inaugurar novas formas de enxergar o mundo por meio da literatura e que têm sido responsáveis em grande parte por aproximar os jovens da literatura —, temos de reconhecer que são as obras clássicas que mais caem no vestibular; é muitas vezes sobre elas que nos perguntam numa entrevista de trabalho e são elas, em muitos casos, o mote para grandes rodas de conversa nos mais variados espaços, nos quais muitos de nós temos ficado excluídos de participar por não termos tido oportunidade de ler e nos aprofundarmos nesse tipo de literatura.

Vale sempre lembrar que muitas atividades de leitura e de conversa têm sido propostas por educadores e mediadores de leitura pelo mundo inteiro e que cada uma delas tem o seu valor e favorece

diferentes aprendizagens. As Tertúlias Literárias não vêm para ocupar esse lugar, mas sim para preencher uma lacuna no que se refere ao acesso à literatura clássica universal e ao exercício da Aprendizagem Dialógica.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997

FLECHA, R. Anotações de aula em curso sobre Comunidade de Aprendizagem, CREA/UB, Barcelona, fevereiro de 2015

FREIRE, Paulo. A importância do Ato de Ler: 29. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

INSTITUTO NATURA. Nossa Biblioteca, Cadernos de Formação, Outubro, 2015 www.comunidadeaprendizagem.com.br



Comunidade de
Aprendizagem

As tertúlias dialógicas literárias enquanto atuação educativa de êxito no espaço de formação de gestores escolares e professores do território da Chapada Diamantina (BA)

Cristina Alice Cunha Ribeiro

Resumo

Este trabalho apresenta um relato sucinto do processo de formação das duplas gestoras e professores do território da Chapada Diamantina, promovido em regime de parceria entre o Instituto Chapada de Educação e Pesquisa (ICEP) e as Secretarias Municipais de Educação, em que a ênfase nas Tertúlias Dialógicas Literárias como atuação educativa de êxito do Projeto Comunidade de Aprendizagem vem ocupar um lugar desta formação.

Desse modo, as Tertúlias Dialógicas literárias, enquanto conteúdo da formação, promove a discussão e a reflexão em torno dos princípios fundamentais pautados pela prática do diálogo igualitário, que acolhe a inteligência cultural dos sujeitos e, conseqüentemente, permite que todos tenham liberdade de se expressar de modo a preservar o respeito aos diferentes pontos de vista legitimados pelos saberes culturais e acadêmicos de cada participante.

Sob essa perspectiva, a prática da Tertúlia Dialógica Literária como atividade cultural e educativa transita entre o espaço formativo de gestores escolares e professores em simultaneidade com os espaços escolares das redes municipais participantes desse processo formativo.

Assim, a sistematização e a divulgação deste trabalho vinculam-se ao Curso de Certificação de Formadores e pretendem socializar uma prática referendada nos encontros formativos de educadores em conformidade com o plano de formação dos envolvidos nesse processo, o que implica na qualificação das práticas pedagógicas nos espaços educativos.

OBJETIVO

Discutir o espaço das Tertúlias Dialógicas Literárias no contexto da formação continuada de professores e gestores escolares.

Introdução

As Tertúlias Dialógicas Literárias, quando inseridas no plano de formação dos professores e gestores escolares, traz um diferencial que se reflete nas ações pedagógicas da escola. Isso acontece porque ao participar das Tertúlias Dialógicas Literárias, esses profissionais não só refletem sobre a obra escolhida, aprendem a confrontar e a respeitar distintos pontos de vistas, como buscam o entendimento e a interpretação interativa no espaço da tertúlia — aspectos essenciais e necessários ao aprofundamento dos atos comunicativos do diálogo igualitário que se tecem no decorrer das Tertúlias Literárias.

Ao participarem dessa prática, os educadores transformam sua própria visão da realidade, tanto por meio das contribuições e da interpretações individuais e coletivas, como também por meio das suas próprias reflexões, que certamente se ampliam nesse contexto dialógico. Com isso, o diálogo tecido nas tertúlias literárias é um exemplo que pode ser transposto não somente para a sua vida pessoal como também para o exercício da profissão.

Visto dessa forma, a Tertúlia Dialógica Literária — compreendida como atividade cultural e educativa, a qual se desenvolve com base na aprendizagem dialógica vinculada à leitura de livros da literatura clássica universal — é considerada uma prática sustentada pelo diálogo igualitário, uma vez que essa prática de leitura proporciona ao sujeito não somente a melhoria da expressão oral e escrita, somada ao aumento do vocabulário, como também a ampliação da compreensão leitora, do pensamento crítico e da capacidade de argumentação de todos os envolvidos. Tais resultados produzem certamente importantes transformações na superação das desigualdades.

Por essa razão, a proposta de conhecer e participar de espaços formativos — nos quais a Tertúlia Dialógica Literária é tida como parte integrante do plano de formação dos professores e gestores escolares

— desenhou-se como política de formação leitora nos municípios que compõem o território da Chapada Diamantina.

Desse modo, será explicitado de forma sucinta um relato de experiência com a prática de tertúlias dialógicas no contexto da formação de gestores escolares e professores. Nesse relato busca-se refletir de que forma a experiência vivenciada por gestores e professores com a prática das tertúlias relaciona-se com os princípios da solidariedade, do respeito, da confiança e do apoio ao outro no contexto educativo.

Desenvolvimento do trabalho

O trabalho formativo de gestores escolares e de professores nos municípios do território da Chapada Diamantina encontra-se estruturado no plano de formação no qual são definidos conteúdos tendo em vista a especificidade do público atendido, além da progressão deste entre os anos de formação externa. Dentre os conteúdos eleitos para os encontros, as tertúlias dialógicas integram as pautas formativas tanto dos gestores escolares como dos professores e da equipe técnica das redes de ensino.

Assim, elege-se juntamente com os educadores uma obra clássica para ser lida durante os encontros formativos. Nessa organização o formador define com o grupo as partes do texto que serão objeto de leitura e, posteriormente, dentro da carga horária da formação, acontece a prática da tertúlia, tendo como moderador o próprio formador do grupo.

O relato que ora se tece está voltado para as experiências nos municípios de Marcionílio Souza e Bonito, nos quais atuo como formadora no Projeto da Educação Infantil formatado pelo Instituto Chapada de Educação e Pesquisa (ICEP).

As primeiras tertúlias realizadas aconteceram com as seguintes obras: *Os Miseráveis*, de Vitor Hugo, e *Capitães de Areia*, de Jorge Amado. Inicialmente o grupo estranhou as regras que norteiam o trabalho com as tertúlias, visto que os mais falantes, na maioria das vezes, monopolizavam os discursos e a participação nos encontros sem se darem conta disso. Por essa razão, o moderador, antes de iniciar a tertúlia, retomava as regras para que o grupo primasse pelos princípios legitimados por meio das relações igualitárias e constituídos pelos valores baseados na solidariedade, no respeito, na confiança e no apoio em vez da imposição.

Nesse sentido, vale explicitar que o objetivo de apresentar ao grupo de

professores e duplas gestoras o funcionamento das Tertúlias Dialógicas Literárias, tendo em vista os 7 princípios da Aprendizagem Dialógica — diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, criação de sentido, solidariedade, dimensão instrumental e igualdade de diferença — no contexto formativo, configura-se sem dúvida numa das ações mais desafiadoras da formação, uma vez que inicialmente o formador se coloca na condição de moderador da primeira tertúlia nesse espaço. Assim sendo, é válido neste trabalho incluir o depoimento proferido por mim enquanto formadora das primeiras experiências como moderadora de Tertúlia Dialógica Literária, a saber:

Operar como moderador de grupo foi uma experiência riquíssima, pois passei a controlar os ímpetos da fala e ouvir cada destaque do texto e das interpretações advindas deste de forma imparcial e atenta. Por meio dessa vivência o grupo foi compreendendo que um dos pontos mais importantes numa tertúlia era de fato o diálogo igualitário que se instaura durante a experiência. Além disso, os próprios integrantes da tertúlia se avaliaram, uns pontuando que não se sentiam bem em falar no grupo e que durante a vivência ficaram à vontade para se expressar, outros disseram que tiveram que fazer um esforço para não atropelar o que os colegas traziam de impressões em relação à obra escolhida. Enquanto formadora, penso que essa experiência foi fundamental para me aproximar mais do grupo e, sobretudo, seguir aprendendo a ser gente pensante num espaço de diálogo igualitário. (Cristina Alice Cunha Ribeiro, Formadora do Instituto Chapada de Educação e Pesquisa, ICEP).

Assim, é relevante salientar que gradativamente o formador e o grupo foram se adaptando às regras da tertúlia e compreendendo-as de modo a incorporá-las em suas vivências profissionais cotidianas. Exemplo disso é que em momentos distintos aos das tertúlias os educadores passaram a respeitar o turno da fala dos colegas e a incentivar aqueles que, por razões outras, pouco se manifestavam durante as formações.

No tocante ao espaço de formação específica com os docentes, evidencio que estes se interessaram por realizar Tertúlias Dialógicas Literárias com as crianças, mas apesar de terem participado

de momentos com as tertúlias, levantavam algumas perguntas relacionadas a essa atuação educativa de êxito, a exemplo de: “como é feita a leitura com crianças que não leem convencionalmente? Que livros escolher? Em que tempo?” Nesse sentido, pontuei a necessidade de uma apresentação da proposta aos pais e à comunidade escolar para que pudessem conhecê-la de modo que se sentissem à vontade e seguros para participar ajudando os filhos na leitura do livro escolhido conforme o desejo manifestado sobre a obra selecionada. Com isso, o tempo para a realização da tertúlia poderia ser de uma vez por semana dentro da carga horária da escola. O importante é que toda a proposta esteja clara tanto para os familiares quanto para as crianças. Pois mesmo que a criança não leia convencionalmente, se um adulto ler para ela e pedir que esta sinalize uma parte para comentar na roda, a experiência fluirá, e as crianças, nesse contexto, serão consideradas leitoras em potencial, porque são sujeitos da ação leitora e participam dessa prática opinando, refutando, validando pontos de vistas dentre outros comportamentos que, sem dúvida, emergem dessa experiência.

Em conformidade com o exposto, os sujeitos da formação compreendem que em todas as Tertúlias Dialógicas Literárias é importante “explorar e estimular intensamente nas pessoas participantes a dimensão instrumental, tendo outros meios como fonte de busca da informação, para então se discutir no grupo a validade da fonte e das informações” (Mello, Braga, Gabassa, p. 135). Esses pressupostos são constantemente discutidos nos grupos de formação, haja vista que essa é a riqueza da tertúlia — espaços de diálogo igualitário e de transformação (pessoal e do entorno social mais próximo).

Dessa forma, a tertúlia literária, enquanto prática de leitura dialógica, constitui-se numa ferramenta fundante na formação de professores e duplas gestoras, uma vez que a ampliação do vocabulário, a melhoria da expressão oral e escrita e da compreensão leitora são aspectos fundamentais ao exercício da profissão de educador. Como também se amplia a capacidade de argumentação e, conseqüentemente, o desenvolvimento do pensamento crítico de todos os envolvidos nas tertúlias literárias.

Conclusão

Por meio da inclusão das práticas com as Tertúlias Dialógicas Literárias nos contextos de formação de educadores, o desafio que se coloca para cada sujeito da formação é que este possa desenvolver uma educação pautada na oferta de melhores espaços participativos, dialógicos e formativos, nos quais crianças, jovens e familiares tenham oportunidade de diálogos construídos cotidianamente dentro e fora do contexto escolar.

Entendemos que os obstáculos são muitos e diversos para que as escolas das redes municipais envolvidas no processo de formação repensem a educação ofertada e transformem gradativamente suas práticas educativas a serviço da vida, das relações que se tecem com o outro e para o outro, das aprendizagens geradas por meio dos diálogos tecidos e construídos na inter-relação entre os sujeitos. Entretanto, compreendemos as tertúlias dialógicas como sendo uma das atuações educativas de êxito que podem gerar oportunidades reais no sentido de garantir que a prática do diálogo, da participação, do envolvimento, da solidariedade, dos esforços e da busca pelo pensamento crítico se legitime como prática de emancipação dos sujeitos frente ao mundo que os cerca.

BIBLIOGRAFIA

MELO, Roseli Rodrigues de. Comunidade de Aprendizagem: outra escola é possível. Roseli Rodrigues de Mello, Fabiana Marini Braga, Vanessa Gabassa. – São Carlos: EdUFSCar, 2012.

www.comunidadeaprendizagem.com



Comunidade de
Aprendizagem

Implantação do projeto Comunidade de Aprendizagem por meio das tertúlias dialógicas literárias no território da Chapada Diamantina (BA)

Adriana Rocha de Souza Miranda

Instituto Natura/ Comunidade de Aprendizagem
Curso de Certificação de Formadores

Resumo

PALAVRAS-CHAVE:

sociedade educacional,
participação, aprendizagens,
resignificar, equidade.

A sociedade educacional contemporânea vem sofrendo desafios que influenciam diretamente no processo ensino/aprendizagem, e a participação e o envolvimento dos alunos e das alunas como parceiros e parceiras de suas próprias aprendizagens é um dos maiores entraves dessa realidade. Diante disso, foi instituída uma parceria entre Comunidade de Aprendizagem e ICEP (Instituto Chapada de Educação e Pesquisa) para apoiar os formadores na implementação das tertúlias dialógicas literárias nos espaços de formação de professores e coordenadores pedagógicos com a finalidade de resignificar e fortalecer as práticas pedagógicas, buscando assim a qualidade e a equidade das aprendizagens nas escolas das redes parceiras no território da Chapada Diamantina (BA).

Introdução

O presente trabalho tem a intenção de explicitar a implantação das tertúlias dialógicas literárias nas escolas da rede municipal de Souto Soares (BA), levando em consideração que as práticas de leitura por meio de tertúlias dialógicas literárias possibilitam diversas e significativas aprendizagens para a formação integral do sujeito e para uma sociedade igualitária.

Segundo Mello,

Por meio da aprendizagem dialógica, cada pessoa vai construindo novas compreensões sobre a vida e o mundo e refletindo sobre a sua cultura e as demais culturas, podendo escolher com maior liberdade sua maneira de viver e de se relacionar com os outros.

(Mello, 2012, p. 78)

A tertúlia dialógica literária é uma prática de leitura na qual os participantes leem e debatem, de forma compartilhada, obras clássicas da literatura universal. É uma nova forma de entender a leitura através da interpretação de todos os participantes, sejam estes leitores habituais ou não.

As experiências iniciais geradas através da leitura, como por exemplo as emoções e os sentidos gerados por cada interpretação, passam a ser objeto de diálogo e reflexão de todos, pois colocam-se em ação as diferentes experiências de vida dos sujeitos envolvidos, relacionando-as aos conteúdos das obras lidas e gerando assim um aprendizado que vai além da prática de ler, favorecendo também uma leitura de mundo e para o mundo. (Freire, 2004).

As práticas de leituras dialógicas por meio de tertúlias literárias possibilitam diversas e significativas aprendizagens como: a melhoria

da expressão oral e escrita, aumento do vocabulário, ampliação da compreensão leitora, do pensamento crítico, da capacidade de argumentação e, sobretudo, produz importantes transformações na superação de desigualdades.

A efetivação da aprendizagem dialógica na escola compreende a necessidade de construção duma outra racionalidade, a que se pautar no diálogo, na solidariedade e na possibilidade de transformação, articulando-se os diferentes agentes educativos na aferição de uma escola democrática e de qualidade. (Comunidade de Aprendizagem: outra escola é possível, p. 118).

Nesse sentido, faz-se relevante articular um trabalho de formação que dê conta de provocar reflexões que façam movimentar as ações nas escolas para que estas, por sua vez, possibilitem de fato a melhoria das aprendizagens de forma igualitária e dialógica. Dessa forma, as tertúlias dialógicas literárias vêm marcando seu espaço para a construção dessas aprendizagens.

Desenvolvimento do trabalho

OS PRIMEIROS DIÁLOGOS ENTRE A COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM E A REDE MUNICIPAL DE ENSINO NO MUNICÍPIO DE SOUTO SOARES (BA)

A estratégia de apresentação da tertúlia dialógica literária na rede deu-se diretamente com a vivência prática dessa ação nos diferentes espaços formativos.

Foi proposta a realização de uma tertúlia na qual os participantes eram instruídos passo a passo conforme os princípios, e o moderador (formador externo) condizia a tertúlia para, no final, descontextualizar a experiência, explicitando os princípios e tirando dúvidas sobre as questões surgidas, e assim os envolvidos aprendiam sobre como fazer: fazendo.

Explicitar os princípios que conduzem essa prática foi a primeira necessidade para que os envolvidos na formação tivessem maior clareza na compreensão, e, nesse sentido, destacamos aqui dois desses princípios — Diálogo Igualitário e Transformação — para melhor descrever o início desse processo de implantação das tertúlias na rede.

Diálogo Igualitário: é um processo interativo mediado pela linguagem. É a condição para a construção do conhecimento que convida a uma postura crítica. (Freire, 1997).

O diálogo igualitário acontece sempre que as contribuições de todos os participantes são consideradas, independentemente de sua posição hierárquica, pois a força do diálogo está na qualidade dos argumentos, e isso significa que todas as contribuições são válidas para que esse princípio tome forma no processo da tertúlia dialógica literária.

Transformação: é um princípio que visa possibilitar mudanças nas próprias pessoas e nos contextos em que vivem por meio de interações transformadoras. Para Vygotsky (2000), “ao mesmo tempo em que o ser humano transforma o seu meio para atender suas necessidades básicas, transforma-se a si mesmo”.

Do ponto de vista das instituições de ensino, quando as interações são positivas, trabalha-se com altas expectativas em relação aos alunos e eles, por sua vez, alcançam melhores resultados; quando essas interações são negativas, porém, podem comprometer toda a trajetória escolar e o processo de aprendizagem.

Nesse sentido, o princípio da transformação está diretamente ligado ao diálogo igualitário, pois quando estes interagem entre si é possível superar desigualdades, o que se concretiza na transformação pessoal e social do sujeito.

Outra necessidade inicial no processo de implantação das tertúlias dialógicas literárias na rede foi compreender bem o papel do moderador: quem é ele? O que faz durante a tertúlia?

O moderador é o ator que media toda a ação no momento da tertúlia, por isso precisa, primeiramente, ter clareza do seu papel, como por exemplo o de organizar a conversa e favorecer a participação de todos. A forma como o moderador organiza a conversa garante a predominância do diálogo igualitário, e assim sendo não poderá estabelecer nenhuma interação de poder diante dos participantes.

Para iniciar a tertúlia, o moderador abre o turno da palavra perguntando quem gostaria de compartilhar o trecho escolhido, anota a ordem das pessoas que se inscrevem e dá a palavra ao primeiro da lista, organizando, a partir desta, um segundo turno para comentários sobre o primeiro destaque.

Ele segue esse procedimento de forma que todos os inscritos sintam-se à vontade para compartilhar e comentar trechos da obra que está sendo lida.

Ao organizar o turno da palavra, o moderador assegura que se cumpram os princípios da aprendizagem dialógica e garante o respeito aos diversos pontos de vista segundo a participação igualitária.

Para que o papel do moderador seja de fato o de favorecer a fala dialógica, ele poderá intervir indiretamente de forma a incentivar o aluno (ou outro participante) a expor seus argumentos, no caso deste dizer apenas que destacou porque gostou. Assim o moderador possibilitará não só uma maior reflexão para esse aluno, mas disseminará a participação de todos os envolvidos na roda de leitura.

AS TERTÚLIAS DIALÓGICAS LITERÁRIAS NAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SOUTO SOARES (BA)

Após muitas discussões, reflexões e trocas de experiências nos espaços de formação, é chegada a hora de iniciar nas salas de aula. Ainda num processo inicial e tímido, a rede de ensino, orientada pela equipe técnica, decide fazer experimentações, ou seja, tomar algumas escolas como piloto (escolas que experimentam a prática para socializar e discutir avanços e desafios), e, partindo desses primeiros passos, voltar aos espaços de formação com experiências exitosas de tertúlias realizadas com crianças, jovens, funcionários e pais.

Diante dessas experiências, cresce a prática das tertúlias na rede. Outras escolas se dispõem a realizar — pois vão ficando mais claros os princípios — o papel do moderador e, acima de tudo, a mostrar como este associa-se à melhoria das aprendizagens das crianças, ao bom relacionamento entre elas, entre professor e alunos e entre escola e comunidade. Segundo Mello (2010), “a aprendizagem dialógica é compatível com a ideia de que a aprendizagem depende de todas as interações que realiza o alunado dentro e fora da sala de aula”.

Nas primeiras tertúlias numa classe de 3º ano (crianças entre 8 e 9 anos), os comentários dos alunos reduziam-se a: destaquei esta parte porque achei interessante... porque é bom... porque eu gostei... achei importante.

No processo de persistência e de intervenções (a professora, no papel de moderadora, inscreve-se para destacar, na intenção de ser um bom modelo), os destaques e comentários dos alunos foram qualificando-se.

Exemplos:

“Eu acho que Alice não tinha muito juízo, pois foi logo bebendo do vidrinho sem saber o que ia acontecer, poderia ser veneno, e ela podia ter morrido.” (Lourrane Alves, 8 anos, 3º Ano B – Alice no País das Maravilhas)

“João Preguiça fazia tudo errado porque não entendia o que a mãe dele explicava, acho que ele também tinha preguiça de pensar.” (Denise Sousa e Sousa, 9 anos, 3º A – A Volta ao Mundo em 52 Histórias)

Para melhor ilustrar isso, cabe a seguinte reflexão:

Ao compartilhar diferentes pontos de vista e maneiras de analisar e resolver as situações, por meio do diálogo guiado pela validade dos argumentos, necessariamente se estabelece um processo de mudança com duas orientações comunicáveis: uma transformação interna em cada participante e a transformação externa buscada em benefício de todos. (Comunidade de Aprendizagem: outra escola é possível, p. 59)

E é sob esse ponto de vista que a rede de ensino segue investindo nas práticas de tertúlias, e a cada passo dado, a cada experiência compartilhada, sente-se a necessidade de se aprofundar no conhecimento sobre os princípios e as suas relações com as aprendizagens. Vivenciar as tertúlias dialógicas literárias como uma Ação Educativa de Êxito passa a ser mais um importante e significativo aliado em busca da melhoria na qualidade da aprendizagem e da participação da família na escola.

Conclusão

Tomando as tertúlias dialógicas literárias como uma ação educativa de êxito e relacionando-as às práticas vivenciadas nas escolas da rede municipal de Souto Soares, faz-se necessário destacar a importância dos princípios que dialogam com as aprendizagens.

Podemos analisar, por exemplo, a presença do princípio de transformação na argumentação da aluna Denise Sousa (9 anos): “João Preguiça fazia tudo errado porque não entendia o que a mãe dele explicava, acho que ele também tinha preguiça de pensar.” (conto “João Preguiça”, em *A Volta ao Mundo em 52 Histórias*).

Percebemos que a aluna consegue extrair uma relação entre a personagem não conseguir aprender a fazer as coisas segundo instruções de sua mãe com a vida de preguiça que ele levava.

Esse exemplo vai nos dando conta de como a compreensão dos princípios vai tomando forma, ao passo que os alunos ou outros participantes das tertúlias vão conseguindo argumentar com base na leitura da obra e na sua vivência de mundo. Para Freire (2004), “quanto mais me torno capaz de me afirmar como sujeito que pode conhecer, tanto melhor desempenho minha aptidão para fazê-lo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Comunidade de Aprendizagem. Caderno Participação Educativa da Comunidade – Tertúlia Dialógica. Instituto Natura.

Comunidades de Aprendizagem. Portal: WWW.comunidadesdeaprendizagem.com.br

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MELO, Roseli Rodrigues de; BRAGA, Fabiana Marini; GABASSA, Vanessa. Comunidades de Aprendizagem: outra escola é possível. São Carlos: UFSCAR, 2012.

_____. Aprendizagem dialógica: ações e reflexões de uma prática educativa de êxito para todos(as). Coleção AUB –UFSCar: São Carlos. EdUFSCar, 2010.

REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 1995.